

revista

Gente

de

PALAVRA

de

PALAVRA

de

PALAVRA

de

PALAVRA

n.º 8



s e m

p r e

p o e

s i a

s e m

p r e

t e x

t o s

Antero de Quental Cláudia Gonçalves Conceição Hyppolito Cristina Martim Branco
Francisco Castro João Gilberto Guimarães Sobrinho Juliana Meira Júlio Alves Léis
Seitenfus Lota Moncada Neli Germano Renato de Mattos Motta Ricardo Mainieri
Salim Muleke Vicente Motta Prates Wanessa Monteiro de Barros

Os primeiros trabalhos de Antero de Quental atraíram as críticas de Visconde de Castilho, criando a chamada *Questão Coimbrã*, que opôs o tradicional academicismo Romântico ao Realismo nascente. A poesia de Antero é vibrante em suas duas vertentes: a *militante*, comprometida com a questão social e a liberdade, e a *mística*, de caráter intimista, que busca o entendimento e só encontra o Nada.

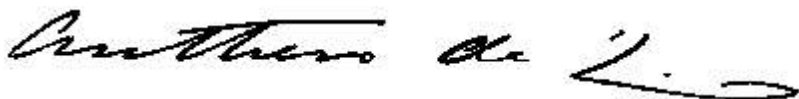
Um dos fundadores do Partido Socialista Português, Antero chegou a trabalhar como operário (tipógrafo) na luta por seus ideais.

Sérias crises de depressão e a tuberculose marcaram sua existência, fazendo com que diversas vezes precisasse se retirar; contudo, jamais interrompeu sua obra. Político, filósofo, literato e, acima de tudo, poeta, uma dicotomia perpassa todo seu trabalho: o socialista confiante em sua revolta e o buscador que não encontra sua posição no mundo. Finalmente, aos 49 anos, este último parece se sobrepor quando, em um banco de praça, em frente à palavra "Esperança" escrita no muro do Convento da Esperança, o poeta decide sair da vida com um tiro.

Com sua existência dedicada à poesia, com sua poesia voltada à construção de uma sociedade melhor e ao entendimento do ser e do estar no mundo, com ideias que permanecem vivas até hoje, Antero de Quental é Gente de Palavra

RMM

(☆ Ponta Delgada, 18/04/1842 -† Ponta Delgada, 11/09/1891)



MAIS LUZ!

(a *Guilherme de Azevedo*)

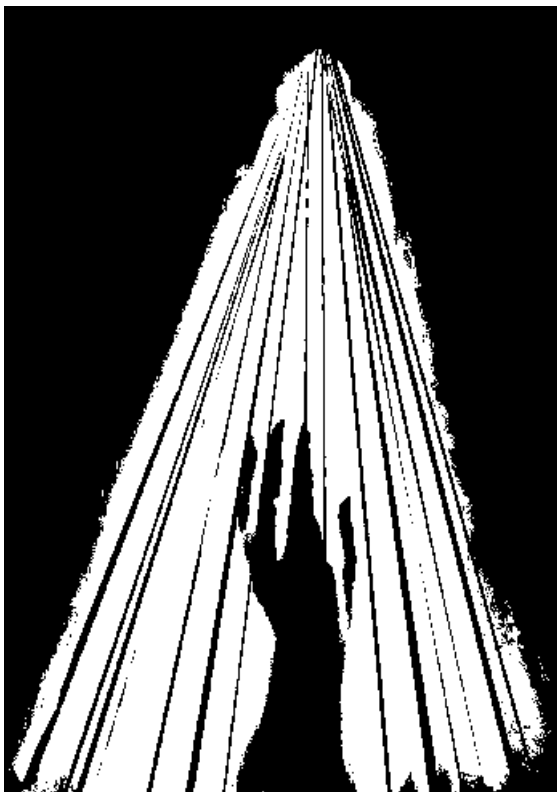
Amem a noite os magros crapulosos,
E os que sonham com virgens impossíveis,
E os que se inclinam, mudos e impassíveis
À borda dos abismos silenciosos...

Tu, Lua, com teus raios vaporosos,
Cobre-os, tapa-os e torna-os insensíveis,
Tanto aos vícios cruéis e inextinguíveis,
Como aos longos cuidados dolorosos!

Eu amarei a santa madrugada,
E o meio-dia, em vida refervendo,
E a tarde rumorosa e repousada.

Viva e trabalhe em plena luz: depois,
Seja-me dado ainda ver, morrendo,
O claro, Sol, amigo dos heróis!

Antero de Quental



cerne

o pensamento navega
no subterrâneo da emoção
magia que pulsa nas entrelinhas
do que projeta

no delírio da inquietude
a alma do poeta

Cláudia Gonçalves



NADA SEI

sei que
do amor
mal lembro
em silêncio
sem afago
do amor
sentir dó
que nada
além de

nada sei
de mim
tanto coração
tanta mão
dura pena
que tive
me lembra
nada sei
ser só

Lota Moncada

depois de uma bela discussão
dito tudo o que enchia
vazio de palavras
a língua
nos salvou
uma lambidela
encheu de calor
nossos corpos

Júlio Alves



Os 4 elementos do afeto

Que os quatro elementos
se unam
e te presenteiem neste dia.

O calor do sol
trazendo luminosidade & clareza
aos sentimentos.

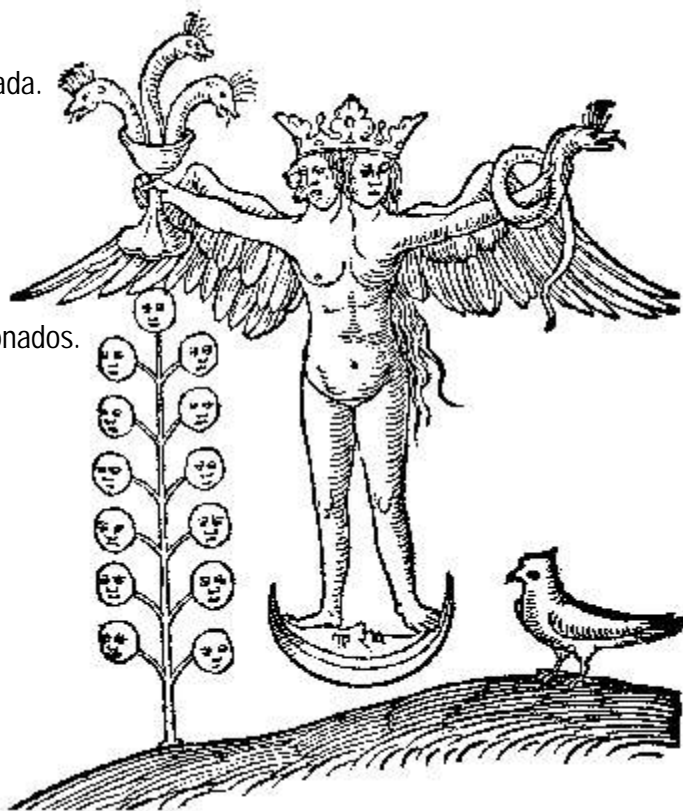
O vento andarilho
soprando em teus cabelos
suavemente.

As gotas de água
a borrifar teu rosto
no início de uma nova jornada.

E que teus passos
pela terra & pelo asfalto
sejam seguros
plenos

direcionados.

Ricardo Mainieri



A poesia viaja em mim
Simples e indecorosa

Simples pela naturalidade
com que flui e me penetra:
subcutânea – ocular
intravenosa

Indecorosa pela forma
com que me investiga:
intravenosa – ocular
subcutânea

Na simplicidade e na indecorosidade ela me incomoda

Neli Germano

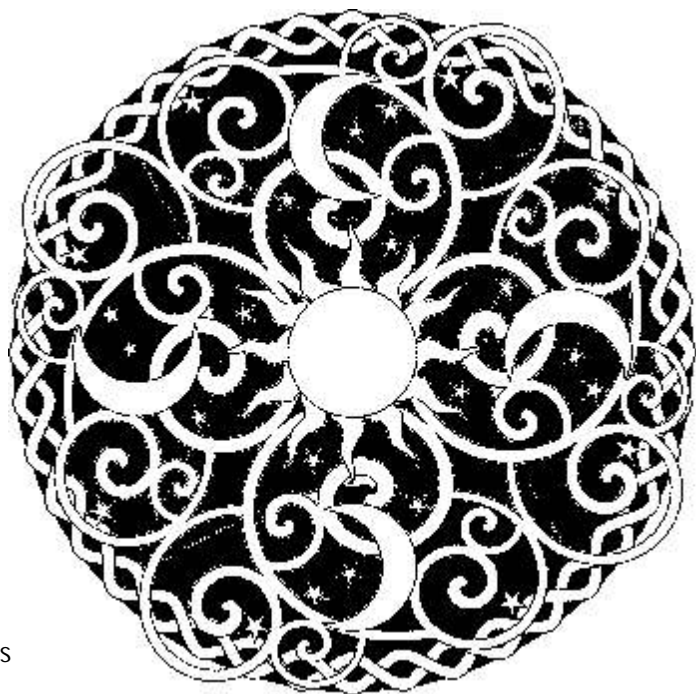
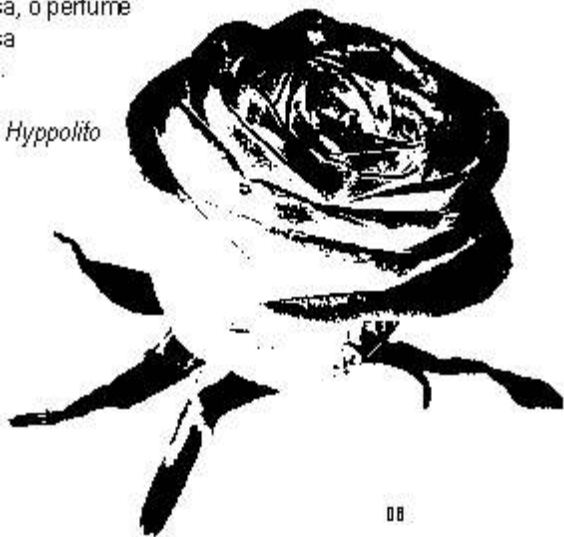
Neli Germano



A ROSA

Eis que trago a rosa
do povo
das rosas
– a rosa púrpura
a rosa dos ventos
reciclada a rosa
de papel crepom
versos, prosa, canção
devaneios, pensamentos;
A rosa política, pública;
– Da santa, a rosa
que não é mais rosa
agora são contas
de outras tantas
rosas de luz...
Rosa & cruz
Com mais de mil flores
Num arco-íris de todas as cores
P'ra todos os amores
um mar de rosas
uma vida cor-de-rosa?!
Mesmo que feneça
que lhe cravem espinhos
que vire cinzas
ou, desapareça
sempre vai ficar
nas mãos p'ra sempre
a lembrança, o perfume
da presença
da ROSA...

Conceição Hyppolito



Delírio

Vejo um risco No céu
Poema ao Léo
Reto, sedutor
Estrada de anjo
Supersônico, icônico
Poeta da noite
Desenhando
Para as Estrelas
Um véu de noiva
Virgem, vertigem
E a lua insana desdenha
Da insônia
Patética, poética
E na calada da noite
O delírio risca o tempo.

Léris Seitenfus



Anelo

tocar com a língua
tua orelha
Lóbulo

articular a palavra
músculo
ósculo
homem

encontrar
o ponto
oposto
à base
vértice
triângulo
amoroso

tecer o pensamento
alterar o ambiente
pela ideia nova
ponto de vista
prova

experimentar
o prazer
ceder
à sensualidade
palmas das mãos
coladas
nas coxas
calcanhares
unidos

uma leve
inclinação
e os corpos
fazem sentido

A PRINCESA E O LOBO

A matilha passa ao meu lado
e um lobo, o mais forte, interpela:
"Para onde vais, bela donzela?"
Finjo que não escuto, ajeito a flor na lapela,
dou de ombros e não me encolho.

Sinto que o lobo me lambe pelo canto da boca
e persegue meu olho.

Com trejeitos de louca, viro a cabeça,
encaro o animal faminto
(em nada lembro o bicho viril
que pareço) e minto:
– "Vou caçar um lobo selvagem
para arrancar-lhe o pelo
e com ele tecer minha tapetagem."

A fera arreganha os dentes,
num esgar semelhante a um sorriso.
Ameaça avançar, mas se ressentido:
indeciso.

– Lobos não gostam de princesas –
Aliso a barba, ajeito os cabelos,
dou meia volta e sigo.

Com os pensamentos em desalinho,
imagino o lobo, à lua cheia,
sobre a planície uivando sozinho...

Os lobos não gostam de princesas,
pois sabem ser eles – e não elas –
as presas.

Salim Muleke



VERSOsubVERSO

poetas não respondem
à necessidade capitalista
de produção

poetas respondem
à necessidade humanista
de emoção

poetas são
subversivos
transformam língua em lâmina
e ferem de morte o sentido

poetas são
corruptores
pegam pequenas palavras
e as obrigam a dizer muito
poetas
são loucos

por sorte
são poucos

Renato de Mattos Motta



Pensar

Pensar, não é ilegal
E ela é linda.
E portanto e já,
que tal pensar não finda,
Que dure então, ao mínimo,
todo ano ainda.

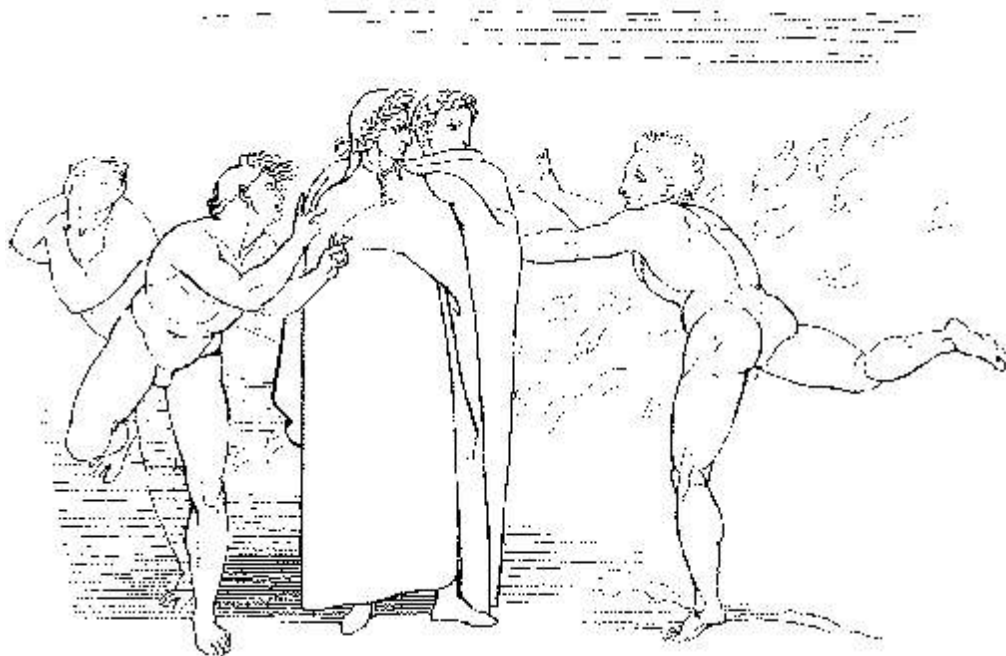
Francisco Castro

Retorno

Outro soluço denunciou aquele instante
E por mais um milhão de vezes
Ouvi novamente as vozes
Implorando que eu continuasse distante
Absorto & fraco em meu jazigo
Admirando solitário o infinito
Em busca de algo mais bonito
Que a escuridão de meu abrigo

Ajoelhado eu vi o vacilante vulto
Que desajeitado me espiava à janela
Na esperança furtiva e singela
De me ver cuspir mais um novo insulto
Que desafiasse outra vez o firmamento
Ou tornasse a morte menos constante
Pois mesmo conhecendo meu olho brilhante
Guardo ainda as chaves e o momento
De saber se ainda sou real o bastante.

João Gilberto Guimarães sobrinho



Sufoco

Estoure meus miolos
lentamente
vulva quente aperta meu pescoço
penso que é pra sempre
sufoco
entre tuas pernas dormentes
de tanto estar ali...

Estoure meus neurônios
incompreendo início
no limite entendo meu fim
morrer aqui é tradução
comoção fiz
em lágrimas de despedida
no meio de suas pernas quentes
mate-me ali...

Vicente Motta Prates



Viagem

Me resgata desse tempo acelerado
Suporta meu incontrollável prazer em viver
Desafia meu discurso
Acalma nos teus braços minha aflição contínua
Revela no íntimo minha alma inquieta
Desorienta meus caminhos
Eu, que prefiro as incertezas
Chega e me arrebatada
Desalinha meus pensamentos
Não espera meu chamado
Chega em qualquer momento
Eu adoro surpresas ...

Cristina Martim Branco



faço chover
peras

elas caem em
nossas cabeças

mentalmente devoramos letras
doce possibilidade

no poema chovem peras
mas tua presença não é verdade

Juliana Meira

Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
gentedepalavra@hotmail.com

Esta edição: 100 exemplares
Revisão: Estevão Cogoy (IEL) e Michelle Hernandez (Gente de Palavra)
Redação, projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Daniela Damaris Neu e Erivoneide Barros

Porto Alegre, maio de 2013.

APOIO:

